

REFORÇO E PERMANÊNCIA DO ESTEREÓTIPO MINEIRO: UMA REFLEXÃO SOBRE PIADAS

Reinforcement and Permanence of “Mineiro” Stereotype: A Reflection about Jokes

*Alessandra Folha Mós Landim**

RESUMO: Este artigo apresenta uma noção de discurso e alguns de seus funcionamentos (formação discursiva, paráfrase e pré-construído), tais como tomados pela escola francesa de análise do discurso, com o objetivo de analisar algumas piadas sobre mineiro/mineiridade. Para tal objetivo, na metodologia do trabalho foram identificados enunciados de base que reforçam o imaginário sobre o ser mineiro contido no discurso sobre mineiridade das piadas, e, a partir daí, procedeu-se à análise. Na análise procurou-se vincular a imagem atribuída ao povo mineiro a elementos que têm origem na história do estado de Minas Gerais. A pesquisa concluiu que o discurso atribui ao mineiro a imagem de roceiro, religioso, precavido e povo que possui um dialeto próprio.

Palavras-chave: Piada; Discurso; Mineiridade; Minas Gerais.

ABSTRACT: *This paper presents a notion about discourse and some of the ways it works (discursive formation, paraphrase and pre-constructed) just like they are taken by the French discourse analysis. Its objective is to analyse some jokes about people who were born in Minas Gerais, Brazil. For this purpose, we identified basic statements (which have given to us the principles that helped the joining of jokes in specific themes) that reinforce the imaginary about being “mineiro” in jokes. After that, we started analyzing them. In the analysis, we intended to link the imaginary about people from Minas Gerais and elements that are originally from Minas Gerais history. The paper concludes that the discourse assigns to people from Minas Gerais the image of country, religious and cautious people. Besides that, they have a specific language.*

Keywords: *Jokes; Discourse; Minas Gerais.*

*Mestranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil: UFOP – cna.alessandrafolha@gmail.com

Introdução

Este artigo tem como objeto de reflexão algumas piadas sobre mineiro que, em seu conteúdo, mostram certas características atribuídas à mineiridade numa visão do outro em relação ao ser mineiro na piada.

Sabe-se que as atividades humanas são amplamente centradas em linguagem e, por serem as piadas realizações linguísticas que não podem ser compreendidas sem elementos sociais, tomamos como pressuposto a noção de discurso em detrimento de uma análise puramente estrutural, já que esta tenderia a deixar de lado os fatores discursivos, históricos e ideológicos, importantes para a compreensão das realizações linguísticas. Como é largamente aceito no campo dos estudos discursivos,

A língua, como sistema de formas que remetem a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos linguísticos enquanto fatos vivos e em evolução. Ao contrário, ele nos distancia da realidade evolutiva e viva da língua e de suas funções sociais, embora os adeptos do objetivismo abstrato tenham pretensões quanto à significação sociológica de seus pontos de vista. (BAKHTIN, 1995, p. 108).

Em outras palavras, estudar a língua em si mesma é abstrair-se de sua realidade. É importante levar em consideração a enunciação enquanto modos de produção e recepção textual/discursiva. Ao pensarmos no objeto de estudo deste artigo, escolhemos um campo epistemológico que nos ajuda a compreender a piada como fenômeno discursivo, sob uma perspectiva de natureza social. Assim, a Análise do Discurso pareceu-nos ser uma boa alternativa para que possamos compreender o fenômeno das piadas no que tange à sua particularidade de reforçar uma imagem caricaturada do povo mineiro, um estereótipo.

Neste artigo, vamos, portanto, adotar uma noção de discurso tal como a escola francesa de análise do discurso o faz e, a partir daí, vamos nos reportar a algumas noções de tal teoria que nos auxiliarão na compreensão da imagem do mineiro que permanece e é repassada por meio das práticas discursivas analisadas. É importante ressaltar que o conceito de prática discursiva, tal como tomado por Spink e Medrado (2013, p. 26),

remete, por sua vez, aos momentos de ressignificações, de rupturas, de produção de sentido, ou seja, corresponde aos momentos ativos do uso da linguagem, nos quais convivem tanto a ordem quanto a diversidade.

Podemos definir, assim, *práticas discursivas* como linguagem em ação, ou seja, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações cotidianas.

À noção de prática discursiva, acrescenta Maingueneau (2008, p. 136) que este foi um conceito introduzido por Foucault, que refere-se a um “‘sistema de relações’ que, para um discurso dado, regula as localizações institucionais das diversas posições que o sujeito da enunciação pode ocupar”. É interessante ressaltar, assim, que, embora as práticas discursivas possam ser tomadas como linguagem em ação, toda essa produção discursiva nos remete também aos ‘limites’ que tais produções textuais e discursivas (piadas) devem ‘obedecer’ em se tratando da formação discursiva sobre o imaginário do ser mineiro, bem como do próprio posicionamento do indivíduo que (re)conta a piada.

Assim, neste artigo, procuramos considerar o discurso que permeia as piadas e as imagens caricaturadas do povo mineiro contidas nessas produções discursivas. Passaremos pelos conceitos de discurso, formação discursiva, paráfrase e pré-construído para embasamento teórico; e, logo após, iremos propor uma análise que auxilia na compreensão do estereótipo (imagem atribuída ao) mineiro. Também procuraremos compreender algo sobre o que reforça e deu origem a tal imaginário por meio de um trabalho sobre mineiridade intitulado *Mitologia da Mineiridade*, de autoria de Maria A. do Nascimento Arruda.

É importante salientar, no entanto, que toda essa noção de discurso e formação discursiva, bem como de seu funcionamento (paráfrase e pré-construído), não tem sido esgotada neste texto e que adotamos o que há de elementar para a análise pretendida.

1 Discurso, formação discursiva e seus funcionamentos (paráfrase e pré-construído)

Neste artigo, vamos adotar a perspectiva de discurso mais recorrente nos estudos da Análise do Discurso, representada por Dominique Maingueneau e Foucault, dada a característica de sua obra, embora saibamos que outras perspectivas sejam igualmente possíveis.

O discurso, tal como adotado neste artigo, pode ser compreendido como

um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; [...] é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. [...] É um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2002, p. 135).

Brandão (2002, p. 28), ao comentar esta citação, afirma que o discurso é formado por elementos que não estão ligados a nenhum princípio de unidade, cabendo, então, “à Análise do Discurso descrever essa dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger as formações dos discursos”. Assim, tal conjunto de regras pode nos levar a refletir sobre o que reforça os imaginários sobre o povo mineiro que está presente nas piadas. Como enfatizaremos um pouco mais adiante, tais condições parecem ter origem em alguns aspectos da história do estado de Minas Gerais.

Maingueneau (1993, p. 22), por sua vez, nos afirma que existem numerosos conceitos de discurso e

se desejarmos realmente ser precisos, mesmo no quadro da AD, a noção de ‘discurso’ não é estável. Por este termo é possível entender o que Pêcheux chama de ‘superfície discursiva’, que corresponde ao conjunto de enunciados realizados, produzidos a partir de uma certa posição; mas também pode-se interpretá-lo como o sistema de restrições que permite analisar a especificidade desta superfície discursiva. Este mesmo sistema de restrições pode ser considerado [...] como uma espécie de ‘competência’ [...] ou seja, um conjunto de regras capazes de produzir uma infinidade de enunciados, realizados ou não, a partir da posição enunciativa dada.

As noções de discurso descritas acima nos interessam por nos levar a compreender o discurso como um conjunto de enunciados básicos que fazem parte de uma mesma formação discursiva que determina o que pode e o que não pode ser dito em dadas circunstâncias enunciativas. Dessa forma, se desejarmos pensar na imagem caricaturada creditada ao povo mineiro, é interessante notar que nem tudo é passível de ser creditado a ele, uma vez que existe um imaginário em que tal discurso se apoia. Tal apoio pode ser referido como pré-construído, que, por sua vez, é, juntamente com a paráfrase, um dos funcionamentos de uma formação discursiva dada (BRANDÃO, 2002, p. 39).

É importante tomar o conceito de formação discursiva tal como um agente que regulariza o discurso, dando a ele as características que o determinam. Dessa forma,

no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 2002, p. 43).

Como dissemos acima, a formação discursiva envolve dois tipos de funcionamento: o pré-construído e a paráfrase.

A noção de pré-construído é abordada por Maingueneau (1997, p. 82-83), que afirma que “o pré-construído é aquilo em que o discurso se apoia” e “pretende fornecer, aquilo que *constrói* a partir daí”. É essa noção que nos ajuda a identificar o ser caricatural mineiro difundido nas/pelas piadas. Assim, quando se fala em mineiro e/ou mineiridade nas piadas escolhidas para análise, há algo que viabiliza tal discurso – o pré-construído. Embora seja vinculada a essa noção de pré-construído a ideia de um Sujeito Universal, não utilizaremos tal conceito, pois o objetivo principal deste texto é reforçar os conceitos sempre difundidos pelo discurso sobre o ser mineiro, e não identificar quem comanda o processo enunciativo.

Por outro lado, o termo ‘paráfrase’ é muito difundido e conhecido empiricamente por um desenvolvimento de enunciados que contenham uma ideia básica. Mas é preciso reservar um lugar especial para este na Análise do Discurso, já que ele não se limita somente a isso. Para Maingueneau (1993, p. 96),

fingindo dizer diferentemente a ‘mesma coisa’ para restituir uma equivalência preexistente, a paráfrase abre, na realidade, o bem estar que pretende absorver, ela define uma rede de desvios cuja figura desenha a identidade de uma formação discursiva.

Há, segundo Pêcheux *apud* Maingueneau (MAINGUENEAU, 1993, p. 95), “palavras, expressões e proposições literalmente diferentes” que “podem ter o mesmo sentido no interior de uma formação discursiva dada”. Com essa noção de paráfrase, Orlandi (1996, p. 136) contrapõe a noção de polissemia que, segundo ela, é uma função de criatividade na linguagem. Enquanto a paráfrase mostra certo fechamento na formação discursiva, a polissemia mostra uma abertura da mesma, permitindo que seus limites se confundam com os limites de outras formações discursivas.

Dessa forma, esses conceitos nos auxiliam a proceder metodologicamente neste trabalho, pois agruparemos famílias de enunciados que contenham uma mesma ideia, que identifica, reforça e faz permanecer o imaginário caricaturado do ser mineiro nas piadas.

2 Análise de piadas: o reforço da imagem atribuída a um povo

Nesta parte do artigo, procuraremos analisar alguns dizeres sobre o ser mineiro que parecem estar sempre presentes nas piadas enquanto produções e práticas discursivas. Assim, antes de iniciarmos nossa análise propriamente dita, queremos nos reportar à noção de formação discursiva, há pouco discutida, que dá pistas sobre as regularidades do discurso. Outro ponto importante a ser lembrado aqui é que o conceito de discurso tomado nos remetes e enunciados estáveis, que parece se repetir ao longo da prática discursiva na piada. Dessa forma, parece-nos interessante ressaltar que as produções desse discurso estão pautadas em um jogo de enunciados regulares que, por seguirem uma mesma linha, serão denominados Enunciados de Base. Os enunciados de base estão representados por piadas que reforçam o estereótipo do ser mineiro e não necessariamente estão presentes no dispositivo de compreensão da piada. Em outras palavras, não vamos nos ater aqui ao que se pode denominar de ‘gatilho’ de compreensão da piada, mas ao imaginário que se pode depreender por meio de todo/qualquer elemento linguístico e/ou discursivo.

Pautando esse estereótipo mineiro em pressupostos imaginários, trazemos aqui a noção de Stuart Hall, em sua obra intitulada *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, mais especificamente o capítulo 3, no qual ele se refere às culturas nacionais como comunidades imaginadas. Embora o autor se baseie no conceito de nação para abordar o tema da cultura imaginada, cremos que alguns de seus conceitos podem ser trazidos a este artigo com o fim de reforçar a ideia de que o mito da mineiridade, tal como tomado nas piadas, não é necessariamente uma verdade absoluta, mas produto de imaginários e representações culturais. Segundo o autor,

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...). As culturas nacionais, ao produzir sentidos

sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p.51).

Se pensarmos, portanto, nesse tipo de cultura como um discurso, podemos depreender desse excerto que também é verdadeiro o fato de uma identidade mineira ser atribuída ao povo em questão. É verdadeiro o fato de o autor estar aqui se reportando à auto-imagem de um povo; porém, ao pensarmos que toda cultura advém de um imaginário, não nos parece ser interdita a ideia de tomar a imagem atribuída ao mineiro da mesma forma.

Tomadas, então, essas observações, partiremos às piadas e aos enunciados de base (doravante EB) escolhidos para este trabalho.

2.1 EB 1 – O mineiro é roceiro/caipira.

Piada 1 - O MINEIRO PREGUIÇOSO

Uma pesquisadora do IBGE bate à porta de um sítiozinho perdido no interior de Minas.

- Essa terra dá mandioca?
- Não, senhora. – responde o roceiro.
- Dá batata?
- Também não, senhora!
- Dá feijão?
- Nunca deu!
- Arroz?
- De jeito nenhum!
- Milho?
- Nem brincando!
- Quer dizer que por aqui não adianta plantar nada?
- Ah!... Se plantar é diferente...

<http://www.oqueeoquee.com/piadas-de-mineiro/>

Piada 2 - CONSERVANDO O LEITE

Um casal de caipiras é convidado a responder a uma enquête do canal de televisão sobre o melhor processo para o leite não azedar. A mineirinha, não querendo passar vergonha, observa atentamente uma senhora da cidade responder:

- É ferver e deixar o resto na geladeira...
- Quando chega sua vez de falar, não titubeia:
- É só tirá o que precisa e deixá o resto na vaca, uai!

www.osvigaristas.com.br/piadas/mineiro/

Alguns elementos que reforçam o imaginário sobre a mineiridade podem ser destacados na piada número 1. Nesse caso, o próprio termo “roceiro” dá o tom do estereótipo aqui reforçado. Outros elementos linguísticos que nos chamam a atenção são “sitiozinho” e “interior de Minas”. Eles nos remetem à imagem do mineiro como alguém sempre representado por características interioranas e rurais. A própria menção que se faz aos tipos de alimento cultivados em sítios também reforça a ideia de interior e de roça atribuída a Minas Gerais. Na segunda piada, os termos “caipiras”, “mineirinha”, a menção que se faz ao leite como produto da roça e o dialeto atribuído à mineira reforçam a ideia de um povo roceiro.

Como sabemos, os imaginários contidos nas práticas discursivas e nas produções desses discursos podem ter origem em diversos aspectos que remetem à sociedade em si, sua história, suas ideologias etc. Nesse caso, pudemos encontrar certa ligação entre o reforço desse estereótipo e um aspecto histórico do estado de Minas Gerais. Segundo Arruda (1990, p. 135 e 136):

ao esgotamento das lavras segue-se a ruralização [em Minas Gerais pós séc. XVIII], transformando a fazenda mineira em um microcosmo do universo material, social e cultural. É o centro da vida e, portanto, fulcro da história de Minas. Se pensarmos a sua permanência na história da região, trata-se de uma longa duração, um núcleo da vida social mineira.

Parece importante que nos remetamos à história de Minas Gerais quando se trata da atividade econômica do estado. É geralmente aceito que o ciclo do ouro em Minas Gerais teve seu início e seu fim e, ao final de tal ciclo, a atividade econômica que teve lugar na região foi rural. Dessa maneira, como essa atividade tomou grande importância, também se tornou popularmente vista como a atividade econômica única da região, embora isso não seja de fato representativo da realidade. É possível, então, fazer uma ligação entre o imaginário do mineiro roceiro e um dos meios de sobrevivência financeira do povo.

2.1 EB 2 – O mineiro é tranquilo demais.

Piada 1 - MINEIRINHOS NA BEIRA DA ESTRADA

Três mineirinhos estavam sentados à beira de uma estrada pela manhã quando passa um carro em uma velocidade que só deu pra ver a cor. Uma hora depois o primeiro fala:
— Era Volkswagi.

Depois do almoço os três se encontram na mesma estrada e outro fala:

— Era não! Era Fórdi.

E de noite, novamente na estrada, o terceiro:

— Óia, eu vô imbora que num gosto de discussão.

www.osvigaristas.com.br/piadas/mineiro/

Piada 2 - **PESCAR SOZINHO**

Um dia o mineiro resolveu pescar sozinho porque já estava cheio de tanta gente em volta dele. Vara na mão, lata de minhoca e lá vai ele pro rio, bem cedinho. No caminho ele encontra um caboclinho que começa a acompanhá-lo.

E o mineiro já pensando: "Ô saco, será que esse caboclinho vai ficar grudado ni mim?".

Chegaram no rio e o caboclinho do lado sem falar nada.

O mineiro se arruma todo, começa a pescar e também não fala nada.

Passam 3 horas e o caboclinho acorocado olhando sem dar um pio.

Passam 6 horas e o caboclinho só zoiando ...

Já no finalzinho do dia o mineiro ficou com pena e oferecendo a vara pro caboclinho disse:

— O mininim, qué pesca um cadim?

E o caboclinho responde:

— Deus me livre moço, tem paciência não, sô!

www.osvigaristas.com.br/piadas/mineiro/

O primeiro elemento que nos leva à imagem estereotipada na primeira piada são os mineiros localizados em uma estrada. A estrada dá o tom rural à piada. A demora entre os três para que discutissem um assunto e a tranquilidade de nem chegarem a ter uma discussão para concluir alguma coisa nos levam a entender que, no discurso produzido, o mineiro é alguém tranquilo e sossegado. Parece que o tempo é a última coisa que importa e que as pessoas que vivem em ambiente rural sempre têm tempo para estar entre amigos. Já na segunda piada, os elementos que nos levam ao imaginário sobre mineiridade são o gosto do mineiro pelas coisas rurais, tais como pescaria, a vontade de ficar só (neste caso, o mineiro aparece como alguém que está cansado de pessoas ao seu redor, o que também pode ser depreendido do momento em que teve a “infelicidade” de encontrar alguém que o acompanhasse na pesca, o caboclinho). A pesca necessariamente envolve paciência e espera, elementos que parecem estar ligados à questão da tranquilidade atribuída ao povo mineiro.

Essa aparente intemporalidade atribuída ao mineiro parece ter origem histórica, já que, após o ciclo do ouro em Minas Gerais, como vimos anteriormente, o povo mineiro passou a se concentrar em outra atividade comercial: as fazendas. Isso parece

ter desacelerado o ritmo de vida das pessoas que estavam acostumadas ao comércio sempre agitado de preciosidades, o que parece dar o tom para esse imaginário sobre a tranquilidade mineira. Segundo Arruda (1990, p. 136),

a história de Minas Gerais torna-se marcada pelo predomínio da duração centrada na fazenda. [...] O ritmo do tempo, nessas condições, adquire outra intensidade. Nada realmente novo parece acontecer, tudo reduz-se à longa duração do cotidiano (...). Essa ‘paralisia’ do tempo histórico possui grande analogia com a intemporalidade mítica [da mineiridade].

2.1 EB 3 – O mineiro fala e entende as coisas equivocadamente.

Piada 1 - **É FIRME?**

Um mineiro estava sentado em frente a televisão sossegado, quando passa um compadre na janela e pergunta:

– Firme cumpade?

E o outro responde :

– Não, é novela mermo!!!

<http://www.oqueeoquee.com/piadas-de-mineiro/>

Piada 2 - **TREM MINEIRO**

Uma mulher estava esperando o trem na estação ferroviária de Varginha, quando sentiu uma vontade de ir urgente ao banheiro. Quando voltou, viu que o trem havia chegado e partido. Então começou a chorar. Nesse momento, chegou um mineiro, compadeceu-se dela e perguntou:

- Purcaus dique qui a sinhora tá chorando?

- É que eu fui urinar e o trem partiu.

- Uai, dona! Por caus dissu num precisa chorá não... Tenho certeza bissoluta qui a sinhora já nasceu com esse trem partido...

<http://www.piadas.com.br/>

A troca do fonema correspondente ao “l” é o dispositivo de compreensão da primeira piada. Um dos mineiros estava cumprimentando o outro, o que foi recebido como uma pergunta sobre o que estava sendo mostrado na TV. Podemos compreender que o fenômeno fonético da troca dos fonemas reforça a imagem do suposto dialeto creditado ao povo mineiro. Assim, o imaginário sobre mineiridade passa até mesmo por elementos linguísticos específicos que reforçam o discurso de mineiridade nas piadas.

Na segunda piada, temos um elemento semântico como dispositivo de compreensão: o trem que partiu de fato foi confundido com o órgão sexual feminino, já que o verbo partir adquire duplo significado. Isso parece reforçar o imaginário do

mineiro como pessoa simples que entende as coisas de maneira equivocada devido a ‘seu’ dialeto. O uso da palavra ‘trem’ como elemento dialético mineiro deu ao personagem da piada as condições para a compreensão equivocada.

Segundo Orlandi (1994, p. 56),

o discurso é definido como processo social cuja especificidade está em que sua materialidade é linguística. Há, pois, construção conjunta entre o social e o linguístico. Quanto ao social, não são os traços empíricos (...), mas as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um pai, de um operário, de um presidente, etc.

Assim, compreendemos que a relação entre o imaginário sobre o ser mineiro, seu dialeto e os discursos está intimamente ligada às realizações enunciativas presentes nas piadas.

2.1 EB 4 – O mineiro é precavido.

Piada 1 - O VELHINHO MINEIRO

O velhinho, mineiro de Berlandia, está no hospital, nas últimas. O padre está ao seu lado para dar-lhe a extrema-unção. Ele lhe diz ao ouvido:

- Antes de morrer, reafirme a sua fé em nosso Senhor Jesus Cristo e renegue o Demônio.

Mas o velhinho fica quieto. Ao que o padre insiste:

- Antes de morrer, reafirme a sua fé em nosso Senhor Jesus Cristo e renegue o Demônio. E o velhinho. nada.

Então o padre pergunta:

- Por que é que o senhor não quer renegar o Demônio?

O velhinho responde:

- Enquanto eu num soube pronde vou, num quero ficá de mar cum ninguém!

http://www.culturamania.com.br/?page_id=1217

Piada 2

Dizem que mineiro não perde trem.

Um dia um mineirinho vai chegando à estação e o trem vai partindo naquele momento.

Aí aparece um carioca esperto e resolve tirar um sarro da cara do mineirinho:

Então mineirinho, perdeu o trem!! Dizem que vocês nunca perdem trem? Como você deixou isto acontecer meu cumpadre.

Então o mineirinho, calmamente, enfia a mão no bolso do paletó, tira o biete (bilhete) e diz:

Que nada moço, minha passagem é para amanhã.
<http://www.piadas.com.br/>

Na primeira piada, o velhinho mineiro se mostra tão desconfiado e precavido que não quer se comprometer com ninguém enquanto não tiver certeza dos fatos. Ainda que a religiosidade católica seja um dos atributos dos mineiros no discurso sobre mineiridade, o medo de ficar sem lugar para ir após a morte o faz até mesmo estar preocupado como o que o Diabo pensa a seu respeito. Isso reforça a ideia de um povo totalmente prevenido e prudente.

A segunda piada começa com um provérbio amplamente conhecido sobre mineiridade. A voz dada ao mineiro nesse caso reforça o ideário de alguém que sempre se adianta aos fatos. Ainda sobre essa piada, pode-se notar que o mineiro está vestido com um paletó, o que parece reforçar a imagem do roceiro e do caipira. Outro elemento que nos remete ao imaginário sobre o ser mineiro é a estação de trem que, ainda que exista hoje em dia em sua maior parte para fins turísticos, parece fazer parte do imaginário que nos leva à ideia de um lugar atrasado em relação a outras localidades do país.

O imaginário do mineiro prudente, segundo Arruda (1990, p. 91), foi sendo construído por meio dos inconfidentes. A autora cita um poema sobre a inconfidência e, ao analisar as palavras do poema, atesta: “A prudência, que se manifesta no poema reproduzido sob prisma dramático, drama nascido da antinomia entre liberdade e ponderação, aparece na literatura dedicada a elaborar o perfil dos mineiros” (1990, p. 91).

Ainda sobre o caráter prudente e moderado do mineiro, a autora continua:

Passagens como esta ilustram como o imaginário sobre Minas vai sendo tecido, elucidando uma das dimensões significativas da construção, qual seja, aquela que enfatiza, como inerente aos mineiros, o papel de vislumbrarem o futuro, mas fugindo dos projetos que envolvam grandes riscos e dentro de parâmetros bem circunscritos, que implicam, portanto, moderação. (ARRUDA, 1990, p. 91).

Por outro lado, o caráter religioso de Minas Gerais parece remontar à sua história, ao Brasil colônia e a Minas setecentistas em que “a religiosidade foi ganhando contornos desde seu processo de ocupação territorial” (NIERO, 2014, p. 128). Tal

processo deixou suas marcas até hoje fazendo com que o mineiro carregue a religiosidade católica em sua imagem desde muito tempo.

Considerações finais

Neste artigo, procuramos relembrar algumas noções de discurso e seus funcionamentos tais como recorrentes na escola francesa de análise do discurso e, a partir de tais conceitos, traçar um perfil creditado ao povo mineiro por meio de piadas. Tal perfil pode ser associado ao imaginário que se reforça e permanece por meio dessa prática discursiva das atividades humanas em sociedade. Assim sendo, procuramos identificar enunciados recorrentes nesse discurso de forma que tal imaginário pudesse ser clarificado por meio de análise. Ainda que a análise não tenha sido esgotada, pareceu-nos que o perfil creditado ao povo mineiro por meio das produções discursivas analisadas é o seguinte: o mineiro é um povo simples, roceiro, tranquilo, que fala errado, precavido e religioso.

Destarte, pudemos compreender ao longo do trabalho que o discurso obedece a certos pressupostos determinados pelas formações discursivas. Pareceu-nos que o elemento pré-construído sobre a mineiridade tem a ver tanto com a história de Minas Gerais, como tentamos abordar durante o processo de análise, quanto com a aceitação do ser mineiro tal como caricaturado nas piadas. Isso pode ser reforçado em Maingueneau (1993, p. 15), que afirma que “de forma geral, a toda formação discursiva é associada uma memória discursiva, constituída de formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações”.

Creemos que este trabalho é um início no estudo da imagem atribuída ao povo mineiro e que outros itens podem ser acrescentados à pesquisa a fim de que possamos compreender ainda mais os processos dos imaginários sobre o povo. Assim, objetivamos a continuação da pesquisa para que tais processos possam ser mais bem elucidados.

Referências

- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 8 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Os termos-chave da análise do discurso*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- NIERO, Lidiane Almeida. *Religiosidade mineira: devoção aos santos na comarca do Rio das Mortes no século XVIII*. In: *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v.11, n. 1
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso, imaginário social e conhecimento*. In: *Aberto*. Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4 ed. Campinas: Pontes, 1996.
- SPINK, Mary Jane P. e MEDRADO, Benedito. *Produções de Sentido no Cotidiano: Uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas*. In: *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano aproximações teóricas e metodológicas*. Spink, Mary Janes (org.). ed on-line. Rio de Janeiro: Centro Eldestein de Pesquisas Sociais, 2013.